



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED**

LEILYANNE OLIVEIRA DE SOUZA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORAS E A INCLUSÃO DE
ESTUDANTES AUTISTAS EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE
CAPANEMA-PARÁ**

Capanema-PA

2025

LEILYANNE OLIVEIRA DE SOUZA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORAS E A INCLUSÃO DE
ESTUDANTES AUTISTAS EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE
CAPANEMA-PARÁ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Pará (UFPA) como requisito de avaliação, para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação, Campus Universitário de Bragança.

Orientador (a) Professora Dr^a Caroline Septimio Limeira

Coorientador (a) Professora Dr^a Letícia Carneiro da Conceição

Capanema-PA

2025

LEILYANNE OLIVEIRA DE SOUZA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Pará (UFPA) como requisito de avaliação, para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação, Campus Universitário de Bragança.

Data: 14 /10/2025

Resultado: _____

Banca Examinadora

Professora Dr^a. Letícia Carneiro da Conceição – Coorientadora Externo\UFPA

Assinatura _____

Professora Dr^a. Ana Paula Vieira e Souza - Examinadora Interna\UFPA

Assinatura _____

Professor Me. Antonio Matheus do Rosario Corrêa – Examinador Interno\UFPA

Assinatura _____

Dedico esse trabalho aos meus pais, ao meu marido, amigo e companheiro, que muito me apoiou e me ajudou a chegar até aqui e à Deus por toda proteção e conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus expressando a minha profunda gratidão, cujas bênçãos foram essenciais ao longo dessa jornada acadêmica.

Agradeço também aos meus familiares, especialmente aos meus pais, Lino e Maria José, por todo apoio, motivação e compreensão durante esse tempo, por sempre me incentivarem a continuar estudando. Mesmo o meu pai não estando mais de corpo presente sou muito grata a ele, por todo o incentivo para que eu nunca parasse de estudar.

Ao meu marido, Andrey Martins, por todo apoio, motivação, compreensão e força, foram de suma importância ao longo da graduação. E por não me deixar desistir nos momentos de desespero.

Agradeço às minhas amigas que fiz durante essa jornada, em especial Brena de Cássia do Mar Barros, Fernanda Lorena do Rosário Dantas e Samily de Sousa Cavalcante. Muito obrigada pelos momentos compartilhados, pelas risadas, pelos intervalos em que merendávamos juntas e, o mais importante, por sempre estarem comigo não apenas nos momentos felizes, mas também nos mais difíceis, como quando enfrentei a perda do meu pai. Saibam que levarei vocês para sempre no coração. Muito obrigada!

O apoio incondicional de ambos foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

Gostaria de expressar minha enorme gratidão à prof.^a Dr.^a Carolline Septimio, minha orientadora, e prof.^a Dr.^a Letícia Carneiro da Conceição, minha coorientadora. Primeiramente por aceitarem o desafio de me orientar, por todo apoio, orientação, carinho e paciência durante a elaboração deste trabalho. Suas dedicações e conhecimentos foram importantes para a conclusão deste TCC.

Registro meus agradecimentos a UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA) e à faculdade de educação – FACED, deixo minha profunda gratidão por todo apoio, orientação e aprendizado que fizeram parte da minha formação. Cada experiência vivida neste espaço contribuiu significativamente para meu crescimento como estudante, profissional e ser humano. Ao seu Alessandro, servidor da UFPA, agradeço pela paciência, pelo apoio, pelo carinho e pela forma gentil com que sempre recebeu os professores e estudantes. Sua responsabilidade e atenção facilitaram muitos processos durante o curso. Sou eternamente grata por toda a ajuda prestada.

Muito obrigada a todos!

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas das professoras promovem a inclusão de estudantes autistas do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, na EMIF Terezinha de Jesus Sousa, em Capanema-PA. Como objetivos específicos, propõe-se: descrever as práticas pedagógicas mais comuns adotadas pelos professores para a inclusão de estudantes autistas; e explorar os desafios enfrentados pelos professores na aplicação de práticas pedagógicas inclusivas. A escolha do tema ocorreu devido à ausência de acessibilidade na escola de ensino médio frequentada pela autora e foi fortalecida pela experiência como cuidadora educacional estagiária, despertando interesse pelo estudo do autismo. A problemática que norteou a pesquisa foi: de que maneira as práticas pedagógicas das professoras promovem ou não a inclusão de estudantes autistas no Ensino Fundamental? Para alcançar os objetivos, a pesquisa adotou abordagem qualitativa, realizada por meio de estudo de campo, utilizando a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. O referencial teórico baseou-se em autores que discutem a temática, como Camargo e Bosa (2009), Veltrone e Mendes (2007), Suplino (2009) e Mantoan (2003), que defende uma educação inclusiva ampla, transformando a escola para atender a todos. As respostas obtidas permitiram identificar que as dificuldades enfrentadas pelos professores podem ser superadas mediante apoio dentro da sala de aula e adaptações nas atividades, considerando os interesses dos estudantes, favorecendo avanços significativos, maior participação e o início efetivo do processo de inclusão. Constatou-se que essas práticas ocorreram na EMIF Professora Terezinha de Jesus Sousa, promovendo, de forma parcial, a inclusão de estudantes autistas.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas inclusivas; Autismo; Ensino Fundamental; Inclusão escolar.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis aims to analyze whether the pedagogical practices of teachers promote the inclusion of autistic students in the Early Years of Elementary School at EMIF Terezinha de Jesus Sousa, in Capanema-PA, Brazil. The specific objectives are to describe the most common pedagogical practices adopted by teachers for the inclusion of autistic students and to explore the challenges faced by teachers in implementing inclusive pedagogical practices. The choice of the topic arose from the lack of accessibility in the high school attended by the author and was reinforced by her experience as an educational caregiver intern, which sparked her interest in autism. The guiding research question was: how do teachers' pedagogical practices promote or hinder the inclusion of autistic students in Elementary School? To achieve the objectives, the research adopted a qualitative approach, conducted through field study, using semi-structured interviews as the data collection instrument. The theoretical framework was based on authors discussing the topic, such as Camargo and Bosa (2009), Veltrone and Mendes (2007), Suplino (2009), and Mantoan (2003), who advocate for broad inclusive education that transforms schools to meet the needs of all students. The findings indicated that the difficulties faced by teachers can be overcome through in-class support and activity adaptations that consider students' interests, leading to significant progress, increased participation, and the initial effective process of inclusion. These practices were observed at EMIF Terezinha de Jesus Sousa, partially promoting the inclusion of autistic students.

Keywords: Inclusive pedagogical practices; Autism; Elementary Education; School Inclusion.

Sumário

	1
1 INTRODUÇÃO	9
2 BASE TEÓRICA	13
3 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODÓGICOS DA PESQUISA	16
MÉTODO	16
4 RESULTADOS (OS ACHADOS DA PESQUISA)	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso analisa as Práticas Pedagógicas adotadas por professoras que atuam com estudantes autistas no Ensino Fundamental Anos Iniciais, na escola Municipal Professora Terezinha de Jesus Sousa, localizada no município de Capanema-PA.

De acordo com Mantoan (2003), a educação especial inclusiva visa assegurar que todos aprendam juntos, respeitando suas diferenças. A autora apresenta cinco princípios norteadores da educação inclusiva entre os quais destaca-se o direito de todos ao acesso à educação e a singularidade do processo de aprendizagem.

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2014), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que compromete áreas como a comunicação, o comportamento e as interações sociais. As características do autismo variam de pessoa para pessoa, podendo ser mais leves ou mais intensas, o que faz com que cada indivíduo tenha suas próprias necessidades e formas de aprendizado. De acordo com Pereira et al. (2019), muitas crianças com autismo apresentam dificuldades na interação social, especialmente ao interpretar expressões faciais, manter contato visual ou compreender regras sociais implícitas, o que impacta diretamente sua vivência escolar. Além disso, a comunicação pode ser diferente: alguns podem apresentar atraso na fala, enquanto outras desenvolvem uma linguagem fluente, mas com dificuldades em manter um diálogo convencional, ou seja, autista verbal e não verbal.

Outro aspecto comum é a presença de comportamentos repetitivos e padrões rígidos de interesse, diante disto Weiss (2012), aponta que pode incluir a necessidade de seguir rotinas específicas, movimentos repetitivos como balançar as mãos ou fixação intensa por determinados temas. A fixação por um determinado tema ou objetos é nomeado hiperfoco, alguns alunos autistas a qual eu pude observar tinham hiperfoco em dinossauros e absolutamente todos os seus materiais escolares era de dinossauro, entretanto nem todos autistas tem hiperfoco ou muita das vezes tem hiperfoco em um determinado assunto somente até um determinado tempo. Além disso, muitas pessoas com autismo apresentam sensibilidades sensoriais, reagindo de maneira intensa a sons, luzes ou texturas.

Conforme Oliveira e Santana (2024), a identificação precocemente do autismo é fundamental para o desenvolvimento da criança, e a inclusão escolar exige adaptações que considerem as particularidades de cada estudante. O diagnóstico é realizado por especialistas, como psiquiatras e neurologistas, com base nas observações do comportamento e no relato de

familiares, uma vez que quanto mais cedo for identificado, melhores são as oportunidades de oferecer suporte adequado para o desenvolvimento da pessoa autista. Já na educação, a inclusão de alunos autistas requer estratégias adaptadas às suas necessidades, como utilizar o seu hiperfoco para produzir uma atividade escolar, utilizar métodos estruturados, recursos visuais, acompanhamento individualizado e um quadro de rotinas podem facilitar a aprendizagem e promover um ambiente mais acessível e acolhedor. O respeito às particularidades de cada estudante é essencial para garantir uma educação inclusiva e significativa.

As práticas pedagógicas inclusivas são fundamentais para garantir que todos os estudantes tenham acesso, participação e aprendizado significativo na escola. Quando falamos de alunos com autismo, é importante compreender que inclusão não é apenas permitir que eles estejam presentes na sala de aula, mas sim criar estratégias para que eles se sintam parte do processo.

Para Mantoan (2003), a inclusão escolar não se caracteriza inclusiva apenas em aceitar a matrícula do aluno com deficiência, mas com a participação ativa no processo de ensino e aprendizagem da pessoa, planejar estratégias individuais. Nesse sentido, adaptações nas atividades, organização do espaço, uso de recursos visuais e estratégias de socialização não são formas de facilitar a vida do aluno, mas de garantir que ele tenha as mesmas oportunidades que os demais colegas de sala de aula. A participação de pessoas com deficiências em atividades pedagógicas como, trabalhos em grupo, apresentações de trabalho de acordo com a sua especificidade, contribui para o seu desenvolvimento, autonomia e para o crescimento dos colegas, e aprender sobre respeito às diferenças.

Nesse sentido, Oliveira (2017) explica que, a escola que é inclusiva é aquela que reconhece as diferenças como parte do processo educativo, promovendo a aprendizagem de todos. Além disso, é papel do professor sensibilizar a turma, criando momentos de conversa e de construção coletiva do respeito e da empatia. Ensinar sobre o autismo desde cedo ajuda os estudantes a entenderem que o colega autista tem suas particularidades, mas que pode aprender, brincar e crescer como qualquer outro.

Diante disto, é importante lembrar que a Educação deve ser pautada no princípio emancipador e a função do/a professor/a é mediar o conhecimento no processo de aprender e ensinar. Como diz Mantoan (2015), os professores desempenham um papel importante na inclusão, pois são os responsáveis por mudanças significativas dentro da sala de aula. Além disso, o professor consegue promover a inclusão, incentivando a participação do estudante autista nas atividades, sempre respeitando suas especificidades. Com isso, ensina aos demais estudantes como praticar a inclusão.

Ao ingressar no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Campus Universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará, Turma-2021- flexibilizada a oferta no Campus de Capanema. Ao cursar a primeira disciplina Iniciação Científica, foi solicitado uma pesquisa com o tema inclusão. Ao fazer leituras a respeito da temática fui me identificando e planejando realizar o TCC voltado para essa temática, que foi aguçada ao cursar disciplinas da Educação Especial.

O meu interesse em aprofundar o estudo na área da Educação Inclusiva foi motivado pelo trabalho de cuidadora educacional em uma escola da rede municipal de Capanema-PA. E foi crescendo esse desejo em pesquisar sobre inclusão ao longo do curso de Pedagogia, entretanto o foco para estudar o autismo, especificamente, foi motivado pelas experiências e vivência no Estágio Supervisionado da Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

Durante o curso de Pedagogia e o trabalho de cuidadora participei de práticas pedagógicas em diversas escolas e pude relacionar a teoria com a prática no campo da Educação Inclusiva, pois esse foi o componente curricular que eu me identifiquei e me aproximou de alunos autistas, portanto, aprimorou o conhecimento e o interesse por essa área do conhecimento da Educação.

Durante o trabalho de cuidadora educacional pude observar aumento no número de crianças autistas matriculadas nas escolas. Esse crescimento é fruto do direito à educação conforme indica a Constituição Federal de 1988, da Lei nº 13.146/2025, que institui a inclusão da Pessoa com Deficiência, Artigo 1º *destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania*, o que exige que a escolas adotem práticas pedagógicas inclusivas e mostra o quão é relevante pesquisar as práticas pedagógicas inclusivas voltadas para o autismo.

A partir desse entendimento teórico que apresento o problema de pesquisa, que buscar investigar de que forma as práticas pedagógicas de professoras promovem ou não a inclusão de estudantes autistas no Ensino Fundamental Anos Iniciais na Escola Professora Terezinha de Jesus Sousa, Capanema-PA?

E, para dar conta de responder o problema da pesquisa que apresento, objetivo geral, que busca analisar às práticas pedagógicas de professoras para a inclusão de estudantes autistas no Ensino Fundamental Anos Iniciais na EMIF Professora Terezinha de Jesus Sousa, no município de Capanema-PA.

Os objetivos específicos apresentados buscam descrever as práticas pedagógicas recorrentes utilizadas pelas professoras para a inclusão dos estudantes autistas; identificar os

desafios e avanços vivenciados pelas professoras na aplicação das práticas pedagógicas inclusivas.

2 BASE TEÓRICA

A Organização das Nações Unidas (ONU, 2023), instituiu o Dia Mundial da Conscientização sobre o Autismo, celebrado em 2 de abril, buscando sensibilizar a sociedade para os direitos e necessidades das pessoas autistas. A prevalência do autismo é estatisticamente maior em meninos, sendo por isso o azul a cor símbolo da causa. Assim como todas as pessoas típicas, cada pessoa com autismo é única e tem a sua própria forma de se desenvolver, por causa disso o símbolo do autismo é um quebra cabeça.

A inclusão de crianças autistas no Ensino Fundamental de acordo com Camargo e Bosa (2009, p. 70) explica que é um processo essencial que visa garantir a participação ativa dessas crianças no contexto escolar.

Quando não há ambiente apropriado e condições adequadas à inclusão, a possibilidade de ganhos no desenvolvimento cede lugar ao prejuízo para todas as crianças. Isso aponta para a necessidade de reestruturação geral do sistema social e escolar para a inclusão se efetive (Camargo; Bosa, 2009, p.70)

Considerando, o campo teórico da Educação Inclusiva de Camargo e Bosa (2009) é importante que a escola promova um ambiente inclusivo, portanto, o fato de não ter um ambiente inclusivo cria barreiras e limita o rendimento de aprendizado e socialização, afetando o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de estudantes autistas. Nesse sentido, a não inclusão dos estudantes autistas pode fazê-los se sentirem isolados e excluídos, já as crianças típicas podem não desenvolver o respeito e a empatia.

As escolas com propostas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas dificuldades de seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade para todos os mediante currículos apropriados, modificações organizações, estratégias de ensino, recursos e parcerias com as comunidades. A inclusão exige da escola novos posicionamentos que implicam num esforço de atualização reestruturação das condições atuais, para que o ensino se modernize e para que os professores se aperfeiçoem, adequando as ações pedagógicas à diversidade dos aprendizes (Veltrone; Mendes, 2007, p. 2)

Ressalta-se que as escolas devem ir além do que só simplesmente aceitar o aluno na escola e sim preparar o ambiente para recebê-las, conhecendo as dificuldades que o aluno apresenta, para assim vencerem essas dificuldades juntos, uma vez que cada aluno aprende de maneira única. Assim, a formação inicial do pedagogo (a) deve estar articulado as dimensões da Educação Inclusiva, bem como, em constantemente qualificação no exercício da profissão

para poder entender a necessidade do aluno de forma adequada e assim tornado a estadia do aluno algo prazeroso.

No Brasil, as Políticas Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, enfatiza que, “a formação dos profissionais da educação possibilitará a construção de conhecimento para práticas educacionais que propiciem o desenvolvimento sociocognitivo dos estudantes com transtorno do espectro autista”.

A educação da criança autista pode ser visualizada como um triângulo, cujo vértices são a família, as terapias e a escola. Cada um desses elementos desempenham um papel essencial no desenvolvimento da criança, o fato do professor não ter uma formação adequada vai prejudicar esse aluno, uma vez que não terá práticas pedagógicas adequadas para se trabalhar com as crianças. Uma prática pedagógica inclusiva é uma ótima aliada para ensinar os estudantes autistas. Cada estudante aprende de uma maneira diferente, em uma sala de aula, é possível ter cinco estudantes autistas, e cada uma delas terá suas próprias formas de compreender e interagir com o conteúdo. Por isso, é fundamental que os professores estejam preparados para reconhecer essas particularidades e adotar práticas que tornem o processo de ensinar e aprender algo prazeroso e significativo para todos.

Segundo Suplino (2009, p.2), “para que o acesso esteja garantido, torna-se necessário assegurar a permanência com qualidade”. Ou seja, não adianta apenas aceitar o aluno na sala de aula e sim garantir a permanência desse aluno, que inclui currículos adaptados às necessidades individuais, ambientes inclusivos e acolhedores, recursos pedagógicos apropriados e profissionais capacitados. Os alunos devem participar de forma ativa no processo de aprendizado, sentindo-se incluso e respeitado, recebendo a educação necessária para seu desenvolvimento, diante disso os professores precisam realmente incluir o estudante e não apenas querer passar um trabalho que vá facilitar a execução dele, fazendo uma inclusão por completo e não parcial.

Essas necessidades se provam nos dados nacionais: de acordo com o Censo Escolar 2024, houve um aumento de 44,4% nas matrículas de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), passando de 636.202 em 2023 para 918.877 em 2024 (Brasil, 2024). Ademais, o painel de Indicadores da Educação Especial (Instituto Rodrigo Mendes, 2024) mostram que, em 2023, a Educação Especial contava com 1,8 milhão de matrículas, assim representando 3,7% das matrículas da educação básica, com 91,3% dos estudantes já incluídos em classes comuns, evidenciando avanços na inclusão.

Caneda e Chaves (2015, p. 121), pontuam que “a ausência de recursos pedagógicos adequados e a falta de treinamento para sua utilização dificultam o processo de inclusão de alunos com autismo nas atividades escolares”. Dessa maneira, é muito importante que o professor possua preparação específica, tanto para compreender as necessidades dos estudantes autistas e para elaborar atividades inclusivas, o que se mostra essencial para promover a participação efetiva desses estudantes. Diante disso, Leivas (2020, p. 30), reforça que “a percepção do professor sobre o autismo está relacionada à capacidade de adaptar abordagens pedagógicas, utilizando estratégias como a divisão de tarefas em etapas menores, o uso de recursos visuais e a oferta de um ambiente tranquilo para a aprendizagem”. Assim, caso o professor não possua conhecimento específico sobre como trabalhar com estudantes autistas, sua visão sobre essas crianças pode se tornar negativa. Para evitar isso, é fundamental que ela receba formação específica, que pode incluir treinamentos com profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Ao longo da história da educação, muitas vezes os termos integração e inclusão foram usados de maneiras semelhantes, mas, conforme destaca Mantoan trata-se de conceitos distintos.

O processo de integração escolar tem sido entendido de diversas maneiras. O uso do vocábulo “integração” refere-se mais especificamente à inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns, mas seu emprego dá-se também para designar alunos agrupados em escolas especiais para pessoas com deficiência, ou mesmo em classe especiais, grupos de lazer ou residências para deficientes (Mantoan, 2009, p. 15).

A integração é aceitar os estudantes no espaço da sala de aula, com o foco acolher e inclui-los com as demais crianças. Muitas vezes, de acordo Mantoan (2009), há escolas que excluem Pessoas com Deficiência, pois separam em salas diferentes e com pessoas diferentes. Ocorre que em alguns espaços escolares a integração exige que o estudante se adapte à escola, que se vire para aprender.

À inclusão questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e da regular, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, pois prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular. Mantoan (2006, p. 16).

A inclusão vai muito além de simplesmente aceitar o estudante dentro da sala de aula. ela exige mudanças significativas em todo o contexto escolar, abrangendo currículos,

planejamentos pedagógicos e até mesmo a estrutura física da instituição. Nesse processo, é a escola que deve se adaptar às necessidades do aluno, e não ao contrário. O estudante deve ser sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, contando com materiais adaptados, participando das atividades pedagógicas e lúdicas junto aos colegas, além de ter sua voz considerada no ambiente escolar.

3 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

MÉTODO

Para a pesquisa, adotou-se o método de abordagem qualitativa. Segundo Minayo (1994, p. 21), “A pesquisa qualitativa responde às questões muito particulares. ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado.” Diante disto o objetivo principal é captar a complexidade das relações humanas e dos fenômenos sociais, ou seja, sem utilizar planilhas e dados quantitativos.

A pesquisa será de caráter descritivo e exploratório, pois visa descrever as práticas pedagógicas inclusivas mais comuns e explorar os desafios enfrentados pelos professores na inclusão de estudantes autistas. Através de uma pesquisa de campo, como destaca Lakatos e Marconi (2003, p. 188.)

A pesquisa de campo é essencial para o aprofundamento de estudos empíricos, pois fornece informações diretas sobre a realidade investigada. O pesquisador, ao estar inserido no ambiente, pode captar nuances que dificilmente seriam percebidas em contextos laboratoriais ou por meio de métodos exclusivamente teóricos.

Diante disto, a pesquisa de campo proporciona uma visão da realidade, coisa que algumas leituras não podem trazer, com isso vendo se o que vai ser respondido no questionário está de acordo com o que irá ser observado.

A pesquisa foi realizada na escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professora Terezinha de Jesus Sousa, um dos motivos da escolha dessa escola foi a localização, pois ela fica próximo a minha residência e estagiei durante 1 ano como cuidadora educacional, desta maneira tornando mais fácil a minha entrada na escola.

A pesquisa foi feita somente em 1 escola com duas professoras que atuam no 3º e 4º ano no ensino fundamental anos iniciais que possuem estudantes autistas em suas turmas. A escolha das participantes será intencional, considerando que tenham estudantes autistas em suas turmas e a permissão de ambas a participarem da pesquisa.

Para a coleta de dados primeiro entrei em contato com a direção da escola, para pedir autorização para que pudesse iniciar a pesquisa, a coleta aconteceu em dois momentos.

Primeiramente realizei uma observação participante, que ocorreu durante 5 dias por semana, com duração aproximadamente 04 horas por dia no turno vespertino, pois observei desde a acolhida da professora com os estudantes, as estratégias utilizadas e a adaptação de materiais e

metodologias. Os nomes das professoras não foram divulgados, sendo assim descritas como professoras A e B.

Em um segundo momento, ao final do período de observação, as professoras foram convidadas a responder a um roteiro de perguntas previamente elaborado, onde o mesmo foi composto por seis perguntas abertas, abordando sobre suas práticas pedagógicas, desafios e os avanços encontrados na inclusão dos estudantes autistas.

Os dados coletados por meio das observações e da entrevista semiestruturada foram analisados através da análise de conteúdo, para comparar o que as professoras falaram no questionário com o que foi observado dentro da sala de aula e assim identificar se teve convergências ou divergências.

4 RESULTADOS (OS ACHADOS DA PESQUISA)

A pesquisa foi desenvolvida por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada com 2 professoras que atualmente atuam no ensino fundamental anos iniciais, por questão de privacidade os nomes delas não foram divulgados, assim sendo nomeadas como professora A, a qual atua no 3º ano/9 do ensino fundamental anos iniciais, sua experiência é de 13 anos e em todos os anos teve contato com estudantes autistas. Enquanto a professora nomeada como B, atua no 4º ano/9 do ensino fundamental anos iniciais, com experiência de 10 anos de docência e 10 anos de experiência com estudantes autistas. Ambas são formadas em Licenciatura em Pedagogia.

Diante das observações feitas em sala de aula foi possível perceber que ambas as salas não possuem um quadro de rotinas, esse recurso é de suma importância para a organização e previsibilidade das atividades, especialmente para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). No entanto, as duas professoras utilizam diversos cartazes como apoio visual no ambiente escolar, dentre os cartazes presentes, destaca-se um com temática voltada para o autismo, contendo ilustrações de peças de quebra-cabeça, símbolo associado ao TEA e uma frase alusiva ao Dia Mundial de Conscientização do Autismo. Além disso, encontram-se cartazes didáticos nas paredes com conteúdo como: sílabas complexas, silabário simples, o alfabeto completo com suas quatro formas, o alfabeto da onomatopeia, as quatro operações matemáticas, um calendário e um cartaz com os aniversariantes do mês.

Apesar da variedade e riqueza visual, nenhum desses materiais apresenta adaptações específicas para alunos com qualquer especificidade. Embora contenham figuras, essas nem sempre são de fácil compreensão ou contextualização, o que pode limitar seu alcance e eficácia no processo de aprendizagem inclusiva. Observou-se ainda que a sala da professora A trabalha com o cantinho da leitura, um espaço dedicado aos livros e momentos de leituras individuais, o que pode favorecer o desenvolvimento da linguagem e a socialização. Já a sala da professora B não dispõe de um espaço semelhante, o que pode impactar as oportunidades de acesso à leitura e aos estímulos à imaginação por parte dos estudantes.

A pesquisa com as professoras na etapa da entrevista questionou a elas a respeito do planejamento para inclusão de práticas pedagógicas.

Como você planeja suas aulas para incluir estudantes autistas? As falas das professoras evidenciam que

“Dependendo do grau do autismo, planejo uma aula diferenciada. O grau 1 costuma acompanhar a turma, enquanto os graus 2 e 3

geralmente necessitam de atividades adaptadas, pois não conseguem acompanhar os conteúdos das aulas.” (professora, A)

“Elaboro um Plano de Desenvolvimento Individual (PDI). Porém há crianças autistas que conseguem acompanhar a turma, então não precisa do PDI.” (professora, B)

Essas respostas mostram que as duas professoras planejam suas aulas pensando nas especificidades de cada estudante e que também ambas reconhecem que os estudantes autistas tem necessidades diferentes. Estando de acordo com o que Camargo e Bosa (2009, p. 37) afirma “as manifestações do transtorno do espectro autista variam de leves a severas, o que exige diferentes tipos de intervenções”. Uma vez que a professora A afirma que planeja as suas aulas dependendo do grau do autismo.

Segundo (Suplino,2010, p.28) “o PDI permite que o professor organize estratégias que atendam às necessidades reais dos alunos”. Diante disso o professor consegue identificar os pontos fortes e os pontos que precisam melhorar e assim de certa forma conseguindo adaptar as atividades para os alunos, assim respeitando cada particularidade dos estudantes. Entretanto, por outro lado, quando as professoras afirmam que os estudantes com autismo mais severos “não conseguem acompanhar os conteúdos”, essas respostas estão mais perto de uma visão excludente. Mantoan (2006, p. 52). afirma que “a inclusão escolar não significa fazer com que o aluno se adapte à escola, mas transformar a escola para que ela acolha a todos”. Isso sugere que, mesmo que bem-intencionadas, as práticas descritas ainda podem estar mais perto de um modelo de integração, e não de uma inclusão realmente.

Diante desse entendimento a respeito da inclusão de pessoas com deficiência as professoras foram indagadas sobre que *estratégias pedagógicas elas mais utilizam com os estudantes autistas?*

“Jogos pedagógicos, atividades impressas, aulas com dinâmicas e aulas atrativas são as estratégias que mais utilizo e as ajudam na inclusão e no desenvolvimento dos alunos com autismo.” (professora, A)

“Para que o aluno se desenvolva e aprenda, observo quais são os seus interesses, ou seja seu hiperfoco. Desse modo, busco estimular o aluno de acordo com o que ele tem interesse, no caso do aluno observado, são os dinossauros. Também é importante uma comunicação afetiva, organização do espaço de sala de aula e a criação de uma rotina.” (professora, B)

As estratégias pontuadas pela professora A são de suma importância, pois através do brincar a aula se torna mais atrativa e prazerosa, essas estratégias se aproximam um pouco da ideia de Velloso e Mendes (2013, P. 45), defendem que “atividades lúdicas e dinâmicas facilitam a participação e o desenvolvimento dos alunos com necessidades especiais”. Os jogos

e atividades atrativas são pontos importantíssimos para o processo de inclusão. Entretanto mesmo com essa fala da professora A, não vi essas estratégias em práticas durante as observações em sala de aula, ela adapta sim materiais pensando nas especificidades do estudante, porém é sempre algo escrito no caderno e assuntos de alfabetização. Diante de umas das observações foi possível acompanhar um momento onde a professora passou uma atividade a todos os alunos referente ao dia do indígena, porém ela não entregou para a estudante autista, onde a mesma ficou pela sala andando enquanto os outros faziam a atividade, uma hora a estudando disse “professora eu também quero fazer a atividade”, entretanto foi cortada na mesma hora pela professora que disse a seguinte frase “não, pois você não consegue fazer” Essa abordagem não apenas fere os princípios da educação inclusiva, mas pode também revelar uma forma de exclusão simbólica, em que o estudante está presente no espaço escolar, mas não é reconhecido como sujeito capaz de aprender e participar (Bourdieu, 1998). Segundo Mantoan (2006), a inclusão pressupõe a adaptação da escola às necessidades dos estudantes, garantindo-lhe condições de participação e aprendizagem. Nesse sentido, a atitude observada reforça a barreira atitudinal que compromete tanto o desenvolvimento acadêmico quanto a autoestima da estudante.

Quanto à fala da professora B, mostra que ela se preocupa em respeitar as particularidades dos estudantes, trabalhando com eles a partir de seus interesses, o que é de grande valor. Camargo e Bosa (2009, P. 52) pontuam que “considerar o hiperfoco do aluno autista permite que o ensino seja mais significativo e eficiente”. Foi possível observar que a professora utilizava o gostar de dinossauro do estudante para adaptar as suas atividades, fazendo assim o estudante mostrar um grande interesse para fazer a atividade em sala, outro ponto importante é a organização do espaço e as rotinas que por sua vez Suplino (2010, P. 30) afirma que “uma sala de aula organizada e previsível contribui para o conforto e a segurança do estudante autista”. Ou seja, deixar o ambiente mais aconchegante traz pontos positivos para o processo de inclusão. As estratégias abordadas pelas professoras mostram a importância de uma prática adaptada e estruturada para promover a inclusão escolar mesmo com algumas falhas.

Nesse sentido, indaguei as professoras sobre *Quais são os principais desafios e aprendizados ao ensinar alunos autistas?*

“Os principais desafios ao ensinar estudantes autistas envolvem dificuldades de comunicação e interação social, além da ausência de ambientes estruturados. Por outro lado, essa experiência também oferece a oportunidade de desenvolver estratégias pedagógicas personalizadas e de promover a inclusão no ambiente escolar.”
(professora, A)

“Os principais desafios é adaptar as atividades para atender as necessidades individuais de cada aluno com autismo. Contudo na busca por práticas pedagógicas mais eficazes, adquirei conhecimento e preparo para compreender e trabalhar com esse aluno.” (professora, B)

As respostas das professoras estão de acordo com o que Camargo e Bosa (2009, P.41), afirmam que “os prejuízos na comunicação e na interação social são características centrais do transtorno do espectro autista e traem desafios diários ao professor”. Mesmo diante das dificuldades as professoras procuram se aprimorar.

Mantoan (2006, p. 64), pontua que “a inclusão escolar exige do professor uma prática reflexiva, capaz de transformar os obstáculos em oportunidades de aprendizagem para todos”. Diante disto cada vez que as professoras procuram se aprimorar para assim conseguirem fazer atividades adaptadas e para conseguirem se comunicar com os estudantes, vão incluir o estudante e ajudando com que eles consigam aprender e a se sentirem ativos dentro da sala de aula, mas elas também irão aprender e crescer como profissional, uma vez que conhecimento é emancipatório e desenvolve a autonomia de cada sujeito.

Nesse sentido, indaguei se as professoras *adaptavam materiais ou recursos pedagógico para favorecer o aprendizado de estudantes autistas*.

“A adaptação é feita de acordo com o grau de dificuldade de cada aluno, acompanhando seu nível de aprendizagem. Utilizo recursos pedagógicos, jogos e atividades lúdicas, pois isso contribui para um melhor retorno no processo de aprendizagem.” (professora, A)

“Adapto as atividades para diferentes formatos de acordo com as necessidades dos alunos. E utilizo materiais simples e que sejam de seu interesse, facilitando sua autonomia.” (professora, B)

Diante das respostas das duas professoras mostram que ambas têm compreensão de que a integração da adaptação pedagógica nas aulas é algo de suma importância. Velloso e Mendes (2013, P. 58) afirma que “a utilização de jogos e recursos lúdicos contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo e social do aluno com deficiência”. Isso mostra que adaptar a atividade não é mudar o conteúdo em si, mas sim pensar em maneiras mais significativas de forma que façam sentido para o estudante, assim possibilitando sua participação ativa. reforçando o que a professora A fala, uma vez que ela usa recursos lúdicos para a adaptação de suas aulas e ao compreender os diferentes graus de autismo, demonstram um olhar de cuidado.

Já a professora B ao adaptar as suas atividades, faz isso de uma maneira respeitosa, pois leva em consideração o gostar do estudante, demonstrando sensibilidade e carinho, assim

tornando a aula mais prazerosa. Camargo e Bosa (2009, p.67) ressaltam que “atividades adaptadas, quando respeitam os interesses do aluno, favorecem a motivação e a construção da autonomia”. Diante disso, a professora torna as aulas mais interessantes e desperta o interesse do estudante em participar das aulas, esse interesse por sua vez aumenta sua vontade por aprender e com isso ajudando o estudante a cada dia progredir e assim conseguir fazer suas tarefas sozinhos.

As professoras foram questionadas sobre *o processo de avaliação e o desenvolvimento de estudantes autista?*

“Qualquer avanço, por menor que seja, já representa muito no processo de aprendizagem dos estudantes autistas.” (professora, A)

“Observo o estudante em diferentes aspectos, bem como, sua interação social, comunicação, aprendizagem e comportamento, para identificar suas habilidades e desafios e assim, ajustar o plano de intervenção.” (professora, B)

Nas falas das professoras podemos observar que ambas avaliam os estudantes por meio, de observações, levando em consideração que qualquer avanço, já é algo muito significativo, isso não é facilitar para o estudante, mas sim ver que cada progresso tem um valor significativo. Diante disto Camargo e Bosa (2009, P. 38) afirmam que “a avaliação de alunos com TEA deve ser contínua e considerar as suas especificidades, respeitando o tempo e o ritmo de cada um”. Ou seja, não depende de uma avaliação numérica, mas sim no avanço real de cada estudante dentro de suas possibilidades. com isso, Segundo Mendes (2006, P. 112) “avaliar é um processo formativo, que deve considerar as potencialidades do aluno e não somente suas limitações”, ou seja, reforça o que as professoras dizem, principalmente a fala da professora B, pois ela observa vários aspectos do desenvolvimento do estudante e não apenas o conteúdo escolar.

Seguindo indaguei as professoras sobre *na sua opinião, o que poderia melhorar na inclusão de estudantes autistas?*

“Na minha opinião, a inclusão de estudantes autistas poderia melhorar se houvesse um auxiliar na sala, pois eles necessitam de uma atenção mais individualizada e o cuidador está ali para cuidar do estudante, muitas coisas o cuidador não pode fazer.” (professora, A)

“Ter na escola uma equipe multiprofissional para atender os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e facilitar o ensino- aprendizagem.” (professora, B)

As respostas das professoras demonstram a necessidade de um apoio profissional dentro da sala de aula. A professora A em questão pontua que os estudantes autistas necessitam de atenção mais individualizada, a mesma não conta com apoio nem de um cuidador, com isso

dividi a sua aula entre a atenção individualizada com o aluno autista e a atenção com o restante da turma, onde passa o conteúdo no quadro e enquanto a turma escreve, ela adapta as atividades, senta ao lado da estudante autista, assim orientando e dando atenção, entretanto como ela acaba se dividindo, muitas vezes a estudante ao acabar a sua tarefa fica andando pela sala sem fazer nada, acaba dando algum papel para a estudante desenhar e não ficar andando pelo o meio da sala. Essa situação reforça o que Camargo e Bosa (2029, P. 21) apontam “A presença de profissionais de apoio é essencial para garantir uma educação inclusiva de qualidade, pois o professor, por si só, muitas vezes não consegue atender às demandas específicas dos alunos com deficiência”. a falta de um apoio em sala de aula pode dificultar o desenvolvimento do estudante autista, uma vez que ele pode até se sentir excluído, pois enquanto os outros estão fazendo os seus deveres, ela vai desenhar.

Já a professora B conta com o apoio de uma cuidadora, o que possibilita maior divisão de responsabilidades e atenção. Isso facilita a adaptação das atividades e permite que a professora acompanhe mais de perto tanto o estudante com autismo quanto os demais estudantes. Ela demonstra carinho e atenção ao estudante, além de adaptar constantemente as propostas pedagógicas de acordo com suas necessidades, mas pontua que uma equipe multiprofissional facilitaria o processo de ensino-aprendizagem, por sua vez Terezinha Mantoan defende a importância de uma estrutura escolar mais preparada e com suporte, Mantoan (2003, p.72) afirma que: “a inclusão só acontece com o envolvimento de toda a comunidade escolar e com condições reais de trabalho”. Uma vez que, a formação dos professores, comprometimento da gestão e ajuda de outros profissionais reveste-se de grande importância no processo de aprendizagem do estudante autista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir essa pesquisa, retomo o objetivo geral de analisar às práticas pedagógicas de professoras para a inclusão de estudantes autistas no Ensino Fundamental Anos Iniciais na EMIF Professora Terezinha de Jesus Sousa, no município de Capanema-PA. Bem como os objetivos específicos de descrever as práticas utilizadas, identificar desafios e reconhecer avanços.

Os resultados mostraram tanto fragilidades quanto potencialidades. Entre as fragilidades, destacaram-se a ausência de adaptações em determinadas atividades, a falta de profissionais de apoio em sala de aula e a falta de recursos adequados. Por outro lado, observaram-se também potencialidades, como o uso de estratégias lúdicas, a utilização do hiperfoco dos estudantes e a disposição de algumas professoras em adaptar o planejamento conforme as necessidades individuais, uma vez que, saber o que atrai o estudante, se torna um grande estímulo para o mesmo aprender.

Diante dessas constatações, algumas recomendações podem ser apontadas. Para a escola, sugere-se maior investimento em materiais acessíveis e a contratação de profissionais de apoio. Aos professores destaca-se a importância de buscar práticas criativas que respeitem as singularidades dos estudantes autistas e garantam sua participação efetiva. Para a formação docente, torna-se necessário que os cursos ofereçam maior aprofundamento sobre inclusão escolar, de maneira a preparar os futuros profissionais para lidar com a diversidade. Por fim, é importante lembrar que políticas públicas de educação inclusiva só se tornam efetivas quando saem do papel e se traduzem em condições concretas dentro da sala de aula.

Reconhecendo as limitações deste estudo, pois se restringiu a uma única escola e a um número reduzido de participantes, recomenda-se a realização de novas pesquisas que ampliem o olhar para outras realidades educacionais, especialmente no interior do Pará, onde ainda há poucos estudos sobre a inclusão escolar. Além disso, sugere-se o aprofundamento de investigações sobre as políticas de formação docente e seus impactos na prática pedagógica, considerando que a efetivação da inclusão depende não apenas de recursos materiais, mas também da mudança de concepções e práticas educativas.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Censo Escolar 2024: notas estatísticas*. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/crescem-matriculas-de-alunos-com-transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 18 ago. 2025.

CAMARGO, Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 10 mar. 2015.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. *Autismo e inclusão: psicologia na educação*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Avaliação de crianças com transtorno autista: contribuições da abordagem neuropsicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 25, n. 1, p. 35-43, 2009.

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. *Transtornos do espectro autista: um guia para pais, educadores e profissionais da saúde*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CANEDA, C. R. G.; CHAVES, T. M. L. A percepção do professor e do tutor frente à inclusão da criança com autismo no ensino regular. *Aletheia*, Canoas, v. 46, n. 1, p. 120, 2015. Disponível em: <http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/aletheia/article/view/3238>. Acesso em: 18 ago. 2025.

GOVERNO DO PARÁ. No Pará, pessoas com autismo dispõem de ações diversificadas da Secretaria de Saúde. *Agência Pará*, 2022. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/42869/no-para-pessoas-com-autismo-dispoem-de-acoes-diversificadas-da-secretaria-de-saude>. Acesso em: 18 ago. 2025.

INSTITUTO RODRIGO MENDES. *Painel de Indicadores da Educação Especial é atualizado com dados do Censo Escolar 2023*. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://institutorodrigomendes.org.br/painel-indicadores-atualizacao-censo-2023/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

LEIVAS, Paulo Sayão Lobato. Percepção dos professores de educação física sobre a inclusão de crianças e jovens com transtorno do espectro autista (TEA) no ambiente escolar. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020. Disponível em:

https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/7811/Dissert_PAULO_SAYAO_LOBATO_LEIVAS.pdf?sequence=1. Acesso em: 18 ago. 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Políticas públicas e práticas inclusivas na escola*. Campinas, SP: Papirus, 2015.

MENDES, Enicéia Gonçalves (Org.). *Educação inclusiva: construindo sistemas educacionais inclusivos*. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NAÇÕES UNIDAS. Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo. 2023.

Nota Técnica n. 24/2013/MEC/SECADI/DPEE. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=13287&Itemid. Acesso em: 20 ago. 2014.

OLIVEIRA, Rosângela. *Educação inclusiva: princípios e práticas pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2017.

OLIVEIRA, Thaise Fátima Silva de; SANTANA, Zionel. *Cartilha guia de referência para educação inclusiva: foco no Transtorno do Espectro Autista (TEA)*. 2024. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/870323>. Acesso em: 18 abr. 2025.

PEREIRA, Lorena David et al. Perspectiva e estratégia materna ante a comunicação da criança com transtorno do espectro autista. *Pensando Famílias*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 208-222, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200016&lng=pt. Acesso em: 18 abr. 2025.

SUPLINO, Maryse. *Currículo funcional natural: guia prático para a educação na área de autismo e deficiência mental*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Maceió: ASSISTA, 2005. (Coleção de Estudos e Pesquisa na Área da Deficiência; v. 11).

SUPLINO, Maryse F. C. *Práticas pedagógicas inclusivas: o PDI como instrumento de planejamento*. São Paulo: Cortez, 2010.

VELLOSO, Maria Sílvia; MENDES, Eliana C. *Educação inclusiva: práticas e estratégias*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

VELTRONE, Aline Aparecida; MENDES, Enicéia Gonçalves. A formação docente na perspectiva da inclusão. In: IX Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, 2007. Disponível em: <http://www.google.com>. Acesso em: 26 set. 2014.

WEISS, Maria Lúcia Lemos. *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. 14. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.